o recado da terra

Ano XV, número 33, **junho de 2009**

IECLB

CAPA
Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor

CAPA na Rede Globo

Página 3

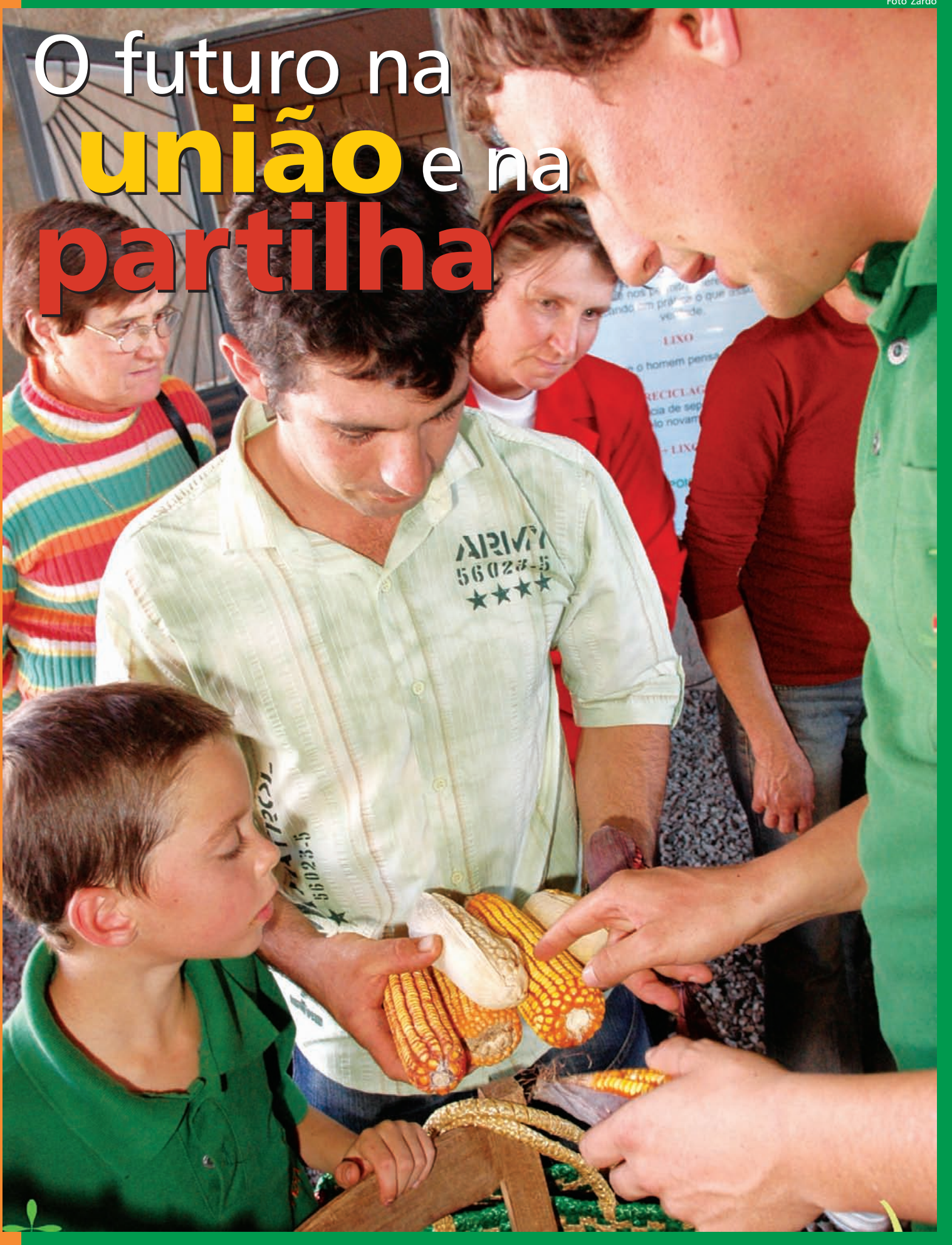
Estratégias para aumentar a renda das famílias

Página 9

Alguns resultados de impacto

Página 11

Foto Zardo



O futuro na **união** e na **partilha**

Editorial

Sustentabilidade

Após quase três décadas de apoio a processos e iniciativas de promoção da agroecologia e de organização de grupos de pequenos agricultores para a construção de um projeto diferenciado para a agricultura familiar, surgiu a necessidade de perguntar: Quais foram os impactos dessa atuação? Quais foram as mudanças que o trabalho do CAPA trouxe para as famílias e para a sociedade?

Desde a sua criação, o CAPA se preocupou com a pequena propriedade descapitalizada, com a organização e a união dos pequenos agricultores e com a divulgação de uma agricultura alternativa. Depois de 30 anos de atividades, se fez imperativo a realização de um estudo de impactos. "Estamos fazendo certo? As atividades realizadas pretendem solucionar um problema central dos públicos alvo?" foram algumas das perguntas que provocaram o estudo que analisou outras diversas questões.

Esta edição do Recado da Terra traz alguns aspectos do estudo realizado, que também foi publicado em formato de livro, com o título A gente pega junto – protagonismo na agricultura familiar. O estudo foi realizado pelo consultor externo Hans-Ulrich Ide, por sugestão do Serviço Evangélico de Desenvolvimento (EED, sigla em alemão), com apoio da Fundação Luterana de Diaconia (FLD) e do Consórcio CAPA.

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Núcleos e coordenações
Núcleo Erexim/RS – Ingrid Giesel
erexim@capa.org.br
Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar
rondon@capa.org.br
Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita
pelotas@capa.org.br
Núcleo Santa Cruz do Sul/RS – Jaime Weber
santacruz@capa.org.br
Núcleo Verê/PR – Rome Schneider
vere@capa.org.br

Editora: Susanne Buchweitz (Reg. prof. 5788)
Jornalistas: Batista Weber e Rocheli Wachholz
Projeto gráfico e editoração: Cristina Pozzobon
Fotografias: Arquivo CAPA
Foto da capa: O menino Dankiel (Baseggio), de Barra do Rio Azul, e Edinei Luis Pagliari, de Barra do Rio Azul (RS) conversam com o técnico Bruno Utermoehl.

O **Recado da Terra** circula duas vezes ao ano. Esta edição foi impressa em junho de 2009. Para mais informações, acesse www.capa.org.br

Instituições parceiras do CAPA
Fundação Luterana de Diaconia (FLD) e Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento/ Evangelischer Entwicklungsdienst (EED).

Quem é o CAPA?

O CAPA é uma organização não-governamental criada em 1978 como um serviço da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), cujo compromisso é se colocar à disposição dos agricultores familiares para, em conjunto com eles, com base nos princípios da agroecologia, do etnodesenvolvimento e da cooperação, desenvolver experiências de produção, beneficiamento, industrialização e comercialização, de formação e capacitação e de saúde comunitária, que sirvam de referências para demonstrar que o meio rural pode ser um espaço de vida saudável e realização econômica para todos.

A origem do CAPA está diretamente ligada à história da IECLB no Brasil, cuja trajetória acompanha o mesmo movimento que trouxe, a partir de 1824, os imigrantes alemães para as primeiras regiões colonizadas no sul do país. No período da fundação do CAPA, no final dos anos 1970, muitos membros eram pequenos agricultores de origem alemã e 75% das contribuições para a IECLB vinham das áreas rurais.

Troca de experiências e tardes de campo são muito eficientes em termos de aprendizagem

Conceitos de agroecologia

A partir da missão do CAPA foram desenvolvidos os seguintes conceitos de agroecologia utilizados pela organização:

• É a aplicação da ciência ecológica no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis;
• É um enfoque holístico aplicado à agricultura tradicional de pequena escala;
• É a ligação entre ecologia, sócio-economia e cultura para sustentar a produção agrícola, comunidades agrícolas e saúde ambiental;
• É a manutenção de uma agricultura que mantenha produtividade ao longo do tempo, otimize recursos e minimize impactos ambientais.

A equipe técnica do CAPA é multidisciplinar, integrada por técnicos e profissionais de várias áreas, e presta apoio aos agricultores familiares organizados através de quatro áreas prioritárias, além de um programa de desenvolvimento institucional:

Apoio à produção
· Cooperação agrícola (Associativismo e Cooperativismo)
· Solos
· Produção vegetal e animal
· Bancos de sementes e mudas
· Fundo rotativo
· Administração e gestão

Apoio à saúde
· Plantas medicinais
· Farmácia comunitária caseira
· Alimentação integral
· Organização da saúde da mulher
· Políticas de saúde
· Fundo rotativo

Apoio à comercialização
· Cooperativismo
· Agroindústrias
· Acesso a mercados
· Políticas públicas
· Fundo rotativo

Formação e educação
· Cursos Técnicos
· Seminários com jovens e agricultores
· Viagens de estudo
· Encontros e troca de experiência

Equipe do Jornal Nacional filmando o depoimento dos quilombolas

Globo faz reportagem com agricultores, quilombolas e indígenas

A partir da pauta "Projetos sociais desenvolvidos por igrejas evangélicas" pensada pela Rede Globo, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – assim como outras igrejas – e a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) foram contatadas para encaminharem sugestões que se enquadrassem na proposta. Depois do contato inicial, se discutiu internamente, em termos de Presidência da IECLB, secretaria executiva e equipe da FLD e do CAPA sobre o significado de "estar na Globo" – as possibilidades e as responsabilidades.

A pauta sobre o CAPA interessou aos editores do Jornal Nacional, especialmente pela questão do enfoque na segurança alimentar, da produção ecológica e do trabalho feito junto a públicos e etnias variados, incluindo agricultores pomeranos, quilombolas e indígenas.

A vinda da equipe da Globo do Rio de Janeiro foi marcada para os dias 23 a 25 de abril. Devido às características do trabalho e por uma questão de proximidade geográfica, a visita foi organizada junto ao núcleo Pelotas (RS).

As crianças guaranis na aldeia Coxilha da Cruz

A jornalista Rocheli Wachholz, que assessora o núcleo, montou uma proposta de roteiro. A proposta encaminhada foi o *Roteiro para matéria sobre Projetos Sociais desenvolvidos pelas Igrejas Evangélicas – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Fundação Luterana de Diaconia (FLD), Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA)*.

"Enfatizamos que tais projetos têm muito mais a preocupação de trabalhar COM as pessoas, OUVIR suas necessidades, RESPEITAR o conhecimento existente – evitando o assistencialismo e o proselitismo", confirmou Rocheli.

A equipe de assessoria do CAPA acompanhou a equipe da Globo a todos os locais previstos no roteiro. Foram feitas imagens desde muito cedo da manhã até a última luz do dia. Horas e horas de trabalho, de entrevistas, de tomadas, também depois na edição – e o resultado foram 7 minutos de reportagem – o que é um tempo considerável na televisão! A reportagem foi veiculada no dia 28 de maio, uma sexta-feira, no Jornal Nacional, na série intitulada os "Evangélicos".

Riqueza na diversidade

No início da sua atividade, o CAPA atendia agricultores familiares mas depois ampliou o público atendido com a inclusão de quilombolas, indígenas e pescadores profissionais artesanais – batendo forte na tecla da segurança alimentar. "Antes, nas comemorações na cidade de Canguçu (RS), nunca se falava dos quilombolas, da contribuição da cultura negra para o desenvolvimento do município. Através do trabalho do CAPA e as organizações parceiras locais como a UNAIC se descobriu que não foram só os colonos europeus que contribuíram para isso. Já tem representantes de quilombolas na escola para falar sobre a cultura negra. Antes isso não existia.

Alternativos?

Se hoje os técnicos do CAPA são vistos como conhecedores da agroecologia e como profissionais que desenvolvem um trabalho sério, você sabia que no início do trabalho eles eram vistos como "alternativos malucos"?

Comida na mesa

Entre os objetivos principais das atividades estão a manutenção do agricultor na terra e a conscientização da função social da terra como produtora de alimentos básicos e sadios para todas as pessoas. Em meio a um modelo agrícola voltado para monocultura e exportação, são os agricultores familiares que produzem os alimentos para a mesa do povo brasileiro.

ABC da cidadania

Por meio do Projeto Saúde Comunitária no Vale do Taquari (RS), as mulheres aprenderam a conhecer melhor os seus direitos. "Elas sabem que têm o direito de fazer regularmente os seus exames de mamografia pelo SUS. E elas reivindicam. As capacitações do projeto da saúde comunitária contribuíram para isto", relatou o pastor luterano Leonídio Gaede, um dos responsáveis pelo projeto. "Além disso, o projeto trouxe resultados não esperados para as mulheres, que aproveitam os espaços das reuniões para discutir sobre outros assuntos relevantes, como por exemplo a questão da violência doméstica."

Um novo modelo e a busca de alternativas

As intervenções do CAPA acontecem em conjunturas políticas e sociais muito complexas, na sua maioria desfavoráveis para desenvolver as atividades da organização. Os contextos regionais onde os núcleos do CAPA atuam são caracterizados pela presença de grandes complexos agroindustriais que durante as últimas décadas implementaram os seus modelos de produção baseado na monocultura do fumo, em sistemas integrados de criação de aves e suínos e, mais recentemente, no reflorestamento com eucaliptos para a produção de celulose.

Não são raros os casos onde as grandes empresas fumageiras ou avícolas conseguiram criar uma dependência total dos agricultores, o que acabou desestruturando o sistema tradicional e diversificado da agricultura familiar, descapitalizando e endividando agricultores. Em muitas famílias e comunidades houve a perda de sementes tradicionais, de conhecimentos sobre modos de plantar e mudaram-se os hábitos alimentares, além de surgirem graves problemas de saúde devido ao uso excessivo de agrotóxicos nas plantações, principalmente de fumo.

Agroecologia é a ligação entre ecologia, sócioeconomia e cultura

As principais intervenções através das quais as equipes dos núcleos regionais provocam **avanços e mudanças** nas realidades do seu público alvo ocorrem nos seguintes contextos:

• Apoio na criação e estruturação de grupos coletivizados – associações e cooperativas;

• Apoio nos processos de formação permanente, por exemplo, nos temas de comercialização, associativismo, cooperativismo;

• Facilitação em processos de produção e comercialização de produtos ecológicos;

• Elaboração de materiais técnicos/didáticos e sistematização de informações;

• Apoio a experiências piloto como, por exemplo, a Rede de Comercialização Solidária/Merenda Escolar;

• Atuação como agente político animador das organizações dos agricultores para formular e lutar por políticas públicas e promover o protagonismo dos agricultores e suas organizações;

• Prestação de serviço em programas governamentais, como no Programa de Consolidação e Emancipação de Assentamentos (PAC);

• Apoio na pesquisa agroecológica, muitas vezes em parceria com instituições de pesquisa como a EMBRAPA e iniciativas de agricultores como a UNAIC.

Não é possível sobreviver isolado – relações de parceria

Na sua atuação, o CAPA constrói parcerias com uma série de atores, sendo que cada qual preenche e assume papéis diferentes, estabelecendo desta forma uma teia de relações e compromissos fundamentais para enfrentar os desafios que as conjunturas políticas e sociais nas regiões de atuação colocam para as famílias e iniciativas acompanhadas pelo CAPA. Entre os principais atores e atores e espaços de parceria, estão:

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (Sínodos, obreiros/as, ISAEC, COMIN, Grupos de Apoio)

• Os agricultores dos sínodos, obreiros da IECLB e representantes dos grupos de apoio participam do conselho dos núcleos do CAPA e contribuem desta forma na configuração e nas definições do trabalho;

• A ISAEC garante o amparo legal aos núcleos e realiza a sua contabilidade;

• O COMIN, como órgão responsável na IECLB para a missão entre os índios, apóia na sensibilização para o trabalho com o público indígena, tanto em relação às equipes do CAPA quanto entre grupos de colonos e indígenas.

Fundação Luterana de Diaconia

• Assessora e anima os núcleos do Consórcio do CAPA;

• Atua como interlocutor entre o Consórcio CAPA e EED;

• Apóia na integração entre o CAPA e sua proposta de Desenvolvimento Rural Etnosustentável, também dentro das instâncias da IECLB. A FLD também fica responsável pela facilitação de encontros temáticos dentro do Consórcio;

• Monitora o projeto CAPA política e estrategicamente;

• Apóia a gestão financeira e procura ampliar o apoio financeiro aos núcleos;

• É o elo de articulação entre o consórcio CAPA e IECLB, e o representa na ISAEC;

• Coordena as ações de comunicação do consórcio CAPA;

• Apóia os processos de sistematização dos resultados do CAPA, bem como a divulgação e irradiação de sua metodologia.

EED

• Apóia por meio de projetos de apoio e recursos financeiros;

• Contribui a partir da sua visão de fora, e de seu papel provocador, em discussões conceituais como, por exemplo, a questão da agrocologia;

• Apóia por meio da promoção e realização de visitas de intercâmbio e diálogo com grupos de solidariedade na Alemanha.

Cooperativas e associações dos grupos de base

• Participam e contribuem ativamente no desenvolvimento dos processos e das iniciativas;

• São responsáveis pela animação e ampliação dos seus sócios/as;

• São os principais espaços para organizar as iniciativas de comercialização, principalmente aquelas organizadas em rede;

• Atuam como sujeitos ativos em espaços de negociação de políticas públicas;

• Fecham parcerias e acordos com instâncias do poder público.

ONGs parceiras da sociedade e movimentos sociais (FETRAF, MMC, REDE ECOVIDA e outras)

• São aliados importantes na divulgação e irradiação dos princípios e técnicas agroecológicas e metodológicas junto às suas bases nas comunidades;

• São aliados estratégicos ao provocar debates e negociações sobre políticas públicas diferenciadas.

Instituições de ensino, pesquisa e extensão (EPAGRI, EMATER, EMBRAPA e outras)

As instituições de pesquisa cumprem um papel em relação a várias temáticas que o CAPA trabalha, no apoio, tanto no campo da pesquisa técnica voltada para questões da produção, em relação a variedades de sementes crioulas, quanto para a estruturação técnica de experiências de grupos de agricultores, no âmbito das agroindústrias ou unidades de beneficiamento e na irradiação dos resultados dos trabalhos através dos meios institucionais de comunicação e divulgação.

Avanços

Os resultados do trabalho do CAPA

"O CAPA nunca foi de impor nada", declarou um agricultor do município Vale do Sol (RS). Justamente a flexibilidade na metodologia do trabalho se provou fundamental para os avanços das atividades do CAPA. Apesar dos contextos regionais diferenciados onde atuam os cinco núcleos, é possível identificar alguns elementos comuns que contribuíram para o sucesso e avanços das propostas trabalhadas. "A grande diferença do nosso trabalho é do ponto de vista metodológico e da proposta que é mais integrada do ponto de vista da capacitação, do apoio, considerando valores éticos e morais, a questão da cidadania", avaliou o coordenador do núcleo Santa Cruz, Jaime Weber.

Estes fatores diferenciam a atuação do CAPA de outras entidades que trabalham no campo da assessoria a famílias e grupos de agricultores. Em muitas situações, foram a causa de grupos preferirem buscar a assessoria do CAPA. A forma de trabalhar, ou a metodologia do CAPA, junto com diversos papéis diferentes que a organização cumpre nas suas áreas de atuação, estimula quase sempre **cadeias de impactos**, provocando assim mudanças em vários níveis e campos temáticos.

Outros aspectos que podem ser considerados como princípios básicos da metodologia do CAPA são:

- Envolvimento de toda a família;
- Seleção de áreas de atuação onde o CAPA poderia ter impactos regionais;
- Valorização da cooperação agrícola e da atuação em rede;
- Fomento de experiências concretas e localizadas a partir, por exemplo, do fundo comunitário;
- Envolvimento das categorias mais vulneráveis da sociedade;
- Importância do compromisso ético e racial;
- Inserção de temáticas transversais;
- Criação de referências sem, contudo, assumir o papel do poder público.

Os agricultores e as agriculturas como sujeitos

Um dos impactos mais significativos que pode ser observado é, sem dúvida, em relação a mudanças no comportamento e postura do público atendido. Existem inúmeros depoimentos de como as pessoas, independentemente de raça ou sexo, conseguiram evoluir na sua auto-estima e no seu crescimento pessoal. "O agricultor era alguém isolado no interior. Era manipulado em todos os aspectos. Não era sujeito", lembra o assessor do núcleo Pelotas, Ellemar Wojahn.

Assim, uma das principais preocupações e desafios para as equipes do CAPA foi desenvolver metodologias e estratégias de trabalho voltadas para o crescimento da auto-estima das famílias, investindo prioritariamente em processos educativos para fortalecer a organização e união dos grupos.

Depois de um tempo de trabalho de formação e conscientização dos grupos as mudanças são visíveis. "Havia gente que nunca falava nas reuniões. As mesmas pessoas dão agora entrevistas em rádio, para jornal, recebem uma delegação de 40, 50 pessoas e contam sua história com um orgulho de apresentar seu trabalho", avaliou o coordenador do núcleo Santa Cruz, Jaime Weber.

Quando o CAPA começou a incluir outras categorias da população no seu trabalho, como os quilombolas, os depoimentos em relação a aspectos como auto-estima, dignidade e atitudes das pessoas são ainda mais fortes: "Os quilombolas viviam em um processo de exclusão com um sentido de submissão. Não havia postura de dignidade nem a valorização das pessoas. Dos próprios quilombolas se ouvia falar: 'A gente não se achava gente'", contou a historiadora Ledeci Coutinho.

As pessoas conquistaram uma postura de dignidade e autoestima

Também em relação às mulheres foram relatados em vários momentos exemplos que mostraram que elas eram praticamente invisíveis em relação a seus papéis na propriedade e com pouquíssimo reconhecimento enquanto sujeito ativo: "Quando o CAPA começou no sul, entre os pomeranos em Pelotas e São Lourenço, quando os técnicos faziam as primeiras visitas à propriedade nem chegavam a ver a mulher, que se escondia", relembra o ex-pastor presidente da IECLB, Huberto Kirchheim.

Os avanços referentes ao reconhecimento, empoderamento e auto-estima das mulheres são bastante evidentes e muitos depoimentos descrevem os processos desta evolução e as mudanças alcançadas: "Várias mulheres conseguiram documentação e cadastro, o que possibilita a mulher para pegar crédito e projeto. Antigamente dependia do homem", confirmou Vivian Souza, agricultora assentamento Santa Alice, Município de Herval (RS).

Esta evolução da mentalidade é um dos aspectos fundamentais para as conquistas e impactos em outros campos, como, por exemplo, mudanças na elaboração e reivindicação de políticas públicas, ou estruturação e fortalecimento do grau organizativo dos agricultores e grupos tradicionais.

O real significado da qualidade de vida

As mulheres desempenham um papel fundamental na construção de propostas ecológicas e, muitas vezes, são a porta de entrada para o trabalho com a agroecologia.

"Quando se fala do impacto do CAPA, eu sempre tenho este sentimento que a gente vai querer avaliar só a capacidade de viabilizar a pequena propriedade rural no sentido econômico. Pode até ser que alguns produtores consigam melhorar a sua renda. Mas a qualidade de vida, quando se compreende como funciona o CAPA, se torna também uma alternativa para um modelo melhor, diferente", disse o pastor da IECLB, Leonídio Gaede, do município de Teutônia (RS).

A frequência e a intensidade com que as pessoas atendidas pelo CAPA falam sobre mudanças em relação ao modelo e à qualidade de vida nas famílias é marcante. Vale a pena ressaltar que esta avaliação se refere, na maioria dos casos, a mudanças que as pessoas percebem prioritariamente em relação à questão da saúde, bem estar ou lazer das famílias – e nem tanto a questões econômicas. É evidente também, que estas percepções se devem, principalmente, aos conceitos e às metodologias como os quais o CAPA se aproxima e trabalha com os grupos.

"Os agricultores já perceberam que trabalhar de forma diferente, com trabalho de grupo, com a agroecologia, não vai enriquecê-lo. Mas os grupos que passam da fase inicial, que resistem para chegar a trabalhar com agroecologia, conseguem ver o mundo e também o econômico de forma diferente", confirmou o técnico Vitor Hugo Hollas, do núcleo Erexim.

Estas mudanças se mostram no jeito das pessoas e dos grupos refletirem sobre a vida, criando uma consciência diferenciada que pode ser percebida na forma como se dá mais importância a questões como o lazer. "Melhorou na qualidade de vida, no trabalho geral na propriedade. Na minha casa, reduziu pela metade o uso de agrotóxicos e de adubos químicos. O trabalho com fumo era mais torturante. Ás vezes tinha que colher na chuva. No finalzinho da tarde, dois da família passavam mal. Quanto mais fumo a propriedade produzia, mais problema de intoxicação, de passar mal, de vomitar, de fraqueza no corpo e assim em diante. A verdura não, colhendo na chuva tu não passa mal, não tem agrotóxico. A qualidade de vida melhorou bastante. O tempo que se perde um pouco na folga é investimento na qualidade de vida", disse o agricultor Dirceu Weber.

De acordo com o agricultor Valdomiro Schuster, "entrar no CAPA para mim foi uma benção. Hoje eu tenho tempo para experimentar a vida. De manhã faço meu chimarrão, a família conversa sobre os planos de trabalho, a comunidade, a nossa cooperativa e trabalho com o CAPA. Depois vamos tratar os bichos. Antes de ir para a lavoura temos tempo de observar o comportamento dos bichos."

Em relação ao público de assentamentos e quilombos que recebem a assessoria do CAPA, vale a pena destacar que, através da conscientização e organização dos grupos, as comunidades conseguiram ter acesso a vários programas governamentais como o *Programa de Consolidação e Emancipação de Assentamentos* (PAC), o *Rio Grande do Sul Rural* ou o *Habitação Rural.* Os avanços, conquistas e mudanças que estas iniciativas trouxeram para as famílias se expressam de forma bastante concreta na melhoria da infra-estrutura nas comunidades através da construção de casas novas e de instalações de sistemas de água e energia.

Conceito

Modelo alternativo

A priorização de um modelo alternativo de produção faz parte da filosofia de trabalho do CAPA desde a sua criação. Naquela época, não se falava ainda do conceito de agroecologia. Porém, existia um claro posicionamento a favor do desenvolvimento de uma agricultura alternativa, cuja discussão era fortemente vinculada à questão da saúde, a partir de uma preocupação em relação ao envenenamento das pessoas causado pelo forte uso de agrotóxicos, principalmente nas lavouras de tabaco, e à produção de alimentos mais sadios para as famílias.

Assim, a porta de entrada para introduzir a agroecologia na propriedade foi muitas vezes o trabalho em torno da saúde e da alimentação mais saudável. Neste sentido, as mulheres desempenharam e continuam desempenhando um papel promotor fundamental na construção das propostas agroecológicas. "Sem dúvida, muitas vezes o trabalho da mulher em torno da saúde foi a porta de entrada para introduzir a agroecologia na propriedade", confirmou Carmen Munarini, coordenadora do Movimento das Mulheres Camponesas de Santa Catarina.

Aspectos específicos de observação

- Biodiversidade e sementes crioulas
- Conversão agroecológica e mudanças na renda familiar
- Etno-sustentabilidade e auto-sustentação dos grupos e das famílias
- Qualidade da alimentação e saúde
- Outros

Trabalho com sementes crioulas e biodiversidade

Outro bom exemplo para ilustrar mudanças significativas é o trabalho que o CAPA e seus grupos parceiros estimulam em torno da questão das sementes crioulas e conservação da biodiversidade. Partindo da análise que a situação das famílias nas últimas décadas era caracterizada pela dependência do plantio do fumo e das sementes híbridas que ocasionava uma erosão genética dramática das sementes tradicionais, o trabalho de resgate, recuperação e valorização de sementes crioulas se tornou um dos eixos mais antigos das atividades do CAPA.

Este trabalho, que nos anos 80 foi também um foco da Rede PTA, que resultou na implementação de vários bancos de sementes para viabilizar a troca e o acesso a sementes melhoradas, desencadeou uma série de iniciativas locais e regionais na área de atuação do CAPA. Uma delas é a experiência em torno da produção, beneficiamento, manutenção e comercialização de sementes agroecológicas da UNAIC.

Fundada em 1988, no município de Canguçu (RS), a UNAIC iniciou o trabalho com as primeiras lavouras de milho e feijão em 1994. Desde então, o trabalho em torno das sementes crioulas evoluiu cada vez mais. Em 1997 foi criado o banco comunitário de produção de sementes com o objetivo de resgatar as sementes crioulas de milho e feijão. A partir de 1999 teve início o processo de empacotamento dos grãos com o objetivo de agregar valor. Neste período, os produtos ainda se destinavam ao mercado convencional. Em 2002, a UNAIC conquistou sua própria unidade de beneficiamento de sementes, sendo que hoje conta com estrutura para o empacotamento automático e com equipamentos para o polimento.

A UNAIC se consolidou como referência nacional em relação ao trabalho com sementes crioulas, sendo a única unidade de beneficiamento de grãos no Brasil que se encontra nas mãos de agricultores. A recuperação da biodiversidade e a volta da auto-sustentação das famílias em relação às suas sementes é um dos destaques do trabalho com sementes da UNAIC.

Vários bancos de sementes foram implementados

Foi observado também que em muitas comunidades as pessoas, principalmente os filhos e filhas dos agricultores, tinham perdido sua identidade como agricultores, sobretudo aqueles que viviam os impactos da monocultura do fumo. O presidente da UNAIC, Cléo de Aquino, dá depoimento de reações de algumas pessoas beneficiadas por projetos da UNAIC que visam a recuperação de sementes crioulas e a auto-sustentação das famílias do campo:

"O agricultor olhava a semente e chorava. Eu achei que nunca mais veria isso. Então existe. Tem ainda".

"Na maioria conseguiu dar a resposta esperada e hoje a grande maioria produz as suas próprias sementes em casa. Mais que a metade não trabalha mais com sementes híbridas. As famílias mantêm as sementes nem só porque tem valor comercial, mais também porque é um importante elemento para manter a biodiversidade e a história cultural do povo e da região."

"A gente correu muito aqui na região para conseguir ter em mãos três cultivares de sementes crioulas. Hoje existem dezenas que estão distribuídas e espalhadas, ofertadas e vendidas todos os dias. As feiras de sementes estimulam e possibilitam a troca".

Produção diversificada junto com saúde e boa alimentação

"A incorporação de práticas agroecológicas gerou vários resultados positivos relacionados à melhoria da saúde dos agricultores, em parte pelo abandono da aplicação periódica de agrotóxicos e de fertilizantes químicos," avalia o agricultor e presidente a Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares (Pelotas, RS), Ivo Scheunemann. Ainda, considerando que a produção é diversificada, o agricultor tem sempre algum produto para trazer para o consumo da sua família. "As pessoas se alimentam melhor e, por outro lado, o fato de não precisar trabalhar com veneno, as pessoas se sentem mais tranqüilas, mais seguras e mais saudáveis."

A melhoria da saúde está ligada à diversidade do sistema de produção

A saúde tem sido uma das causas mais determinantes para a conversão ecológica. No CAPA, os eixos principais deste trabalho envolvem ações para implementar farmácias caseiras nos estabelecimentos familiares e atividades para melhorar a alimentação dos grupos, um tema que está fortemente ligado à questão da manutenção e recuperação da diversidade do sistema de produção.

Em ambos os campos é evidente o importante papel que as mulheres desempenham, porque são geralmente elas que possuem uma preocupação maior com a boa alimentação e saúde da família. A porta de entrada para iniciar o debate sobre a introdução de idéias e conceitos agroecológicos na propriedade muitas vezes parte pelo diálogo com as mulheres sobre estas temáticas.

Impactos em relação aos padrões e qualidade da alimentação são considerados como um dos maiores avanços. Houve não só melhoria na qualidade e diversidade dos alimentos dos grupos diretamente acompanhados pelo CAPA, mas também mudanças de consumo alimentar entre as populações urbanas mais carentes. Ingle Gonçalves de Melo, coordenadora técnica do Fome Zero Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da CONAB – o Rede Solidária, em São Lourenço do Sul (RS), deu um depoimento que evidencia essa mudança de hábito alimentar: "Ao entregar a cesta com os alimentos a famílias de bairros carentes urbanos da cidade de São Lourenço, no início as mulheres não queriam levar nem batata doce, nem cenoura e nem couve – pois ninguém na família comia essas coisas. Elas só levavam o óleo, o arroz, o feijão e o leite. Hoje, depois de terem passado pelos cursos de alimentação alternativa, quando não vai couve elas pedem".

A visão dos jovens sobre a agroecologia

Vários representantes de grupos de jovens entrevistados deram uma boa idéia de como a juventude enxerga os avanços e as conquistas da transição agroecológica no sistema de produção da propriedade agrícola. É preciso ressaltar que o critério econômico não necessariamente foi mencionado como o aspecto mais importante nas percepções sobre as mudanças provocadas pelas intervenções do CAPA e seus parceiros.

Ao contrário, critérios como qualidade de vida e saúde muitas vezes foram mencionados com destaque. Na feira ecológica de Santa Cruz do Sul (RS), foram colhidos os seguintes depoimentos entre representantes da Associação de Jovens Ecologistas de São Martin (AJESMA) e da Associação de Jovens Agricultores Ecologistas (AJAE):

"Mudou toda a realidade da propriedade. Está totalmente diferente do que 10 anos atrás a estrutura da propriedade, o jeito de trabalhar nela. Diversificou os produtos no estabelecimento e aumentou o número de produtos agroecológicos. Antigamente só tinha fumo na propriedade. Todos que plantavam fumo reduziam. Em geral caiu pela metade, no nosso grupo até mais".

"Se vai avaliar a renda, depois que comecei com a produção ecológica, antes trabalhei com fumo, estou ganhando cerca de R$ 15.000,00 a menos do que no fumo. Em compensação, eu fiz R$ 9.500,00 a mais na verdura naquele ano. E se eu comparar estes R$ 15.000 mil com despesas, com tortura de serviço, investimento no fumo e fizer o mesmo cálculo em cima da verdura, a verdura me dá muito mais. Destes R$ 9.500,00, no mínimo R$ 8.000,00 me sobraram livre. No fumo, dos R$ 15.000,00 sobrariam no máximo R$ 2.000,00 a R$ 3.000,00. Sem contar a saúde"

Foto Rede Ecovida

Muitos jovens integram a Rede Ecovida, parceira do CAPA

"Além disto, tu não produz só para vender. Se tu produz só fumo, os produtos que tu iria consumir diariamente na propriedade, teria que comprar. E este cálculo não está sendo feito na propriedade. Ninguém faz."

Estratégias para aumentar a renda das famílias

No início da sua atuação, o CAPA apostava muito na solução dos problemas dos pequenos produtores a partir das tecnologias alternativas. Porém, no trabalho concreto com os grupos se observava que não isso não era suficiente. Relativamente cedo, os agricultores e suas famílias começaram a demandar um apoio do CAPA na área de comercialização.

"Quando nós passamos a nos envolver com comercialização, isto dentro da rede das ONGs não era visto com bons olhos. Quem se envolvia com comercialização, de certa forma, "sujava" as mãos, porque se envolvia com o capital e com o mercado. Nós fomos duramente questionados. Mas desde o início da nossa relação com os agricultores esta demanda de apoiar na comercialização era muito presente. Nos diziam: – produzir até conseguimos. Sabemos produzir. Temos dificuldades sim. Temos que melhorar, claro. Mas o nosso problema é a comercialização", conta o assessor do núcleo Pelotas, Ellemar Wojahn, que participou da criação do CAPA.

Fica evidente o forte vínculo do tema da comercialização com aspectos da metodologia de trabalho do CAPA, sobretudo no que diz respeito à questão do fortalecimento da organização dos grupos e públicos com os quais ele se relaciona. Em todos os núcleos visitados foi possível observar as sinergias entre os trabalhos educativos para aumentar o grau organizativo dos grupos e o investimento na construção de cadeias de produção, beneficiamento, agregação de valor e comercialização.

Um fator positivo da criação de locais de venda direta é o contato dos agricultores com os beneficiários urbanos

As agroindústrias cumprem um papel fundamental para superar o individualismo tradicional do agricultor, criando e fortalecendo as iniciativas locais e regionais de cooperativismo e associativismo, uma estratégia que visivelmente torna os agricultores cada vez mais protagonistas dos processos. Na região do CAPA Erexim existem hoje sete agroindústrias com marcas próprias. Em Santa Cruz existem agroindústrias instaladas que fornecem os seus produtos para a ECOVALE e o CAPA Pelotas acompanha quatorze grupos de agroindustrialização dentro da proposta da Rede de Comercialização Solidária.

Tais iniciativas conseguiram criar uma dinâmica positiva em relação ao mercado de trabalho local e regional, aumentando o emprego, a geração de renda das famílias, particularmente no âmbito das cooperativas e agroindústrias.

Um ótimo exemplo é o caso da União das Associações Comunitárias (UNAIC), no município de Canguçu (RS) que emprega atualmente cerca de 30 pessoas. Desta equipe, a maioria são filhos de produtores de Canguçu. O fato da UNAIC alimentar uma rede de relações e parcerias com outras instituições, tendo apoiado diretamente a criação de outras cooperativas da região, é um forte indicador que os impactos indiretos em relação à geração de emprego e renda são muito maiores.

Esta análise pode ser verificada também olhando o caso da Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região (COOPAR), que hoje representa um forte motor para a economia do município de São Lourenço (RS). Em um contexto onde empresas como a Parmalat entraram na região para estruturar sua cadeia de leite, desencadeando um processo de exclusão dos produtores familiares em várias outras regiões, a COOPAR surge e se consolida como alternativa para os produtores fa-

Construindo redes solidárias

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da CONAB é um bom exemplo para observar os frutos do trabalho do CAPA em relação ao fortalecimento organizacional dos grupos. Em 2003, quando o programa surgiu, apenas duas cooperativas, a COOPAR e a UNAIC, estavam aptas a firmar convênio com a CONAB/MAPA. O fortalecimento dos demais grupos pôde ser verificado quando em um segundo momento outras organizações conseguiram firmar contratos bilaterais com o governo federal, negociando preços, organizando a produção e as entregas com autonomia e propriedade.

Como resultado dessa iniciativa, mais de 3 mil famílias de agricultores familiares, assentados de reforma agrária, quilombolas e pescadores artesanais de nove municípios do Território Sul do Rio Grande do Sul integram hoje uma Rede de Cooperação e Comercialização Solidária, envolvendo ainda 14 organizações em 9 municípios. Na outra ponta, existem 14 mil famílias beneficiadas, recebendo alimentos de qualidade. Outros indicadores que comprovam estas mudanças na qualidade e autonomia dos grupos é o fato que eles conseguem acessar outras políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da região, bem como o crescimento significativo em relação ao corpo de associados.

A atuação do CAPA também teve um impacto dinamizador para a construção e consolidação da Rede ECOVIDA, que se tornou uma das principais referências no que diz respeito a processos de certificação participativa, não só no sul do país mas também no território nacional. A relação com a Rede ECOVIDA tem estimulado entre os núcleos do CAPA os debates sobre modelos alternativos de certificação e, dentro da própria Rede ECOVIDA, a discussão sobre a valorização do mercado local e regional para os produtos da agricultura familiar.

As agroindústrias fortalecem as iniciativas locais de associativismo e cooperativismo

As iniciativas de comercialização, sobretudo aquelas estruturadas em rede, contribuíram significativamente para aumentar a segurança alimentar da população rural e urbana, particularmente entre os grupos mais necessitados. Além disto, tem efeitos positivos em relação ao aumento da diversidade dos produtos que, em sua grande maioria, são de origem orgânica.

Influenciando as políticas públicas

"O agricultor era alguém isolado no interior, era manipulado em todos os aspectos. Não era sujeito." O depoimento de José Nunes, ex-integrante da equipe técnica do CAPA Pelotas e prefeito eleito de São Lourenço (RS), caracteriza de forma muito nítida a realidade e o reconhecimento da agricultura e do agricultor familiar nas regiões onde o CAPA iniciou as suas atividades, há mais de 30 anos.

A percepção da importância de se investir no fortalecimento dos grupos de agricultores para que eles mesmos pudessem ser sujeitos ativos para reivindicar e influenciar políticas públicas diferenciadas que atendessem as demandas dos diferentes grupos sociais do campo foi fruto das reflexões do CAPA. Já na primeira fase de atuação, havia a análise de que só com as forças do CAPA não seria possível mudar a realidade e que seria fundamental entrar no campo das políticas públicas para reivindicar direitos, disputar recursos públicos com propósito de mudanças.

O forte investimento na construção de um capital social conscientizado entre os diferentes públicos que o CAPA acompanha impulsionou a criação de uma grande quantidade de organizações populares de diversos tipos que, além de organizar e controlar de forma cada vez mais autônoma os processos em torno das diferentes temáticas trabalhadas, começam a atuar como sujeitos políticos em diversos níveis. Esse protagonismo passa pela capacitação, formação e pela visibilidade da inserção política.

O número crescente de famílias reflete no potencial de mobilização

Na região de Santa Cruz do Sul (RS), por exemplo, onde o sistema de produção dos agricultores familiares está fortemente caracterizado pela presença e impactos da monocultura do tabaco, o CAPA conseguiu negociar uma série de convênios de assessoria técnica com o poder público municipal. Na conjuntura de mudanças nos governos municipais, foram citados vários exemplos onde os próprios agricultores organizados fizeram uma exitosa pressão política sobre o novo poder municipal em casos onde houve ameaça de abandonar os convênios de assessoria técnica com o CAPA.

Neste contexto, tornam-se visíveis as interfaces que existem entre a estratégia de trabalhar a forma organizativa dos agricultores, originando uma grande quantidade de organizações camponesas, como associações e cooperativas, e as conquistas de espaços de negociação política no nível municipal e regional, em alguns casos até com uma presença maciça dessas como nos municípios de São Lourenço e Canguçu. Fica evidente também que não se trata só de uma presença quantitativa. A participação dos agricultores acontece de forma ativa e com qualidade nas proposições.

É possível identificar exemplos que evidenciam as alterações e mudanças nas políticas públicas. A inclusão de matérias sobre a cultura quilombola nos currículos escolares dos municípios de São Lourenço e Canguçu ou a inserção de pessoas da UNAIC como professores na sala de aula para falar sobre a agroecologia e modelos diferenciados de produção agrícola são exemplos positivos na luta de propor e influenciar políticas públicas.

No plano federal, algumas ações do CAPA se tornaram referência e estão sendo replicadas como, por exemplo, em relação à rede da CONAB. A criação do Fórum de Desenvolvimento Rural, na região do CAPA Pelotas, é considerada uma referência nacional. Entre 1999 e 2003, o Fórum foi o espaço de deliberação das políticas públicas federais e estaduais para a região Sul do RS.

O aspecto feminino na questão do trabalho

O trabalho das mulheres não era valorizado e muitas vezes ficava invisível. A mudança aconteceu muito pelo jeito do trabalho do CAPA e pelo seu exemplo – um grande número de mulheres atua nas equipes técnicas e ocupa cargos de coordenação.

A valorização da mulher começa a partir da conversa na família. Antigamente o marido cedia uma área da propriedade para a mulher plantar: "Eh mulher! esta área vou deixar para você, para tu plantar as miudezas". Esta visão mudou. Foram perceber que aquele pedacinho, com tudo que se colhe, "gera grandeza". Hoje, em muitas famílias o planejamento da propriedade muitas vezes já é feito junto com os homens.

O trabalho com as sementes de hortaliças também aumenta o auto-estima das mulheres quando elas percebem o que produziram na agricultura e que têm uma mesa cheia de produtos. Segundo alguns depoimentos, as mulheres, uma vez ao sentarem para somar tudo que tinham produzido de alimento para consumo na casa, viram que no final do mês chegaram a R$ 500,00 a R$ 800,00 reais por família. Este foi o resultado de um trabalho que ninguém tinha percebido.

Leia a palavra das próprias mulheres:

"Antes as mulheres não participavam da gestão dos assentamentos. Hoje as mulheres estão bastante engajadas nos processos das agroindústrias. Elas se organizam em torno das atividades de geração de renda e participam com direitos iguais na gestão dos negócios e empreendimentos", diz Vivian Souza, agricultora, assentamento Santa Alice, município de Herval.

"No começo me interessava em nada, as mulheres não se envolviam muito. E agora não, a gente se envolve, trabalha, tem a mesma vez e a mesma voz. Aqui, a mulher ganha o mesmo valor que o homem, mesmo fazendo um trabalho mais leve."

Rosalina Pagliari, agricultora da AAFA, Barra do Rio Azul.

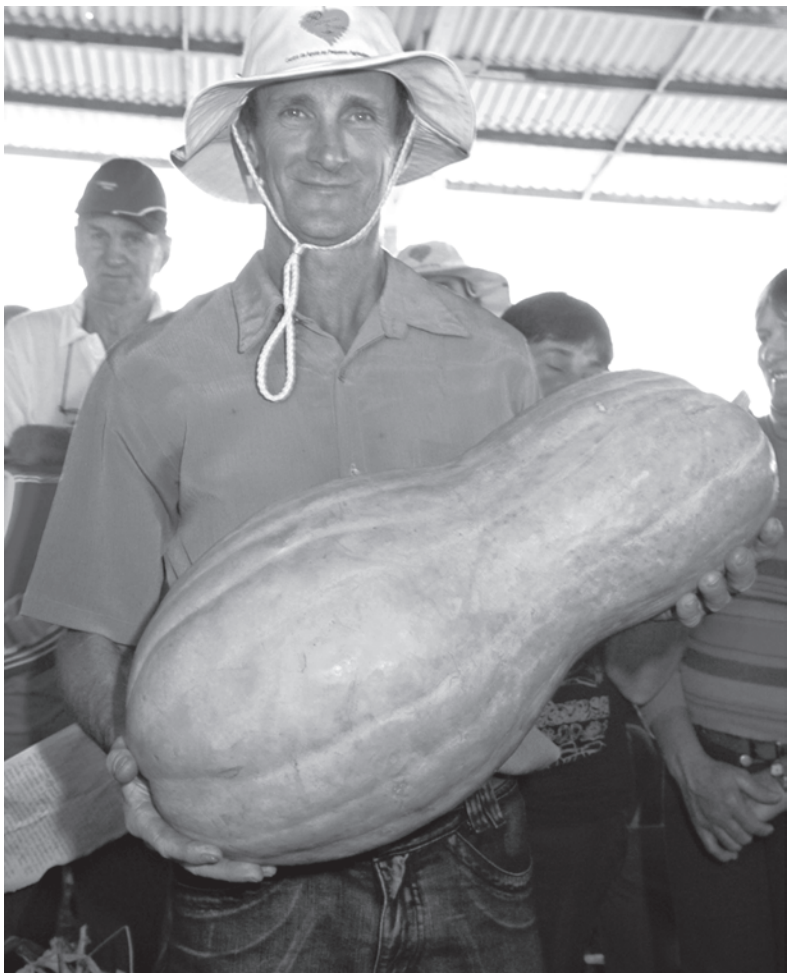
No entanto, ao assumir as tarefas nas agroindústrias houve um aumento da carga horária da mulher. Ainda são raros os homens que assumem junto com as mulheres as tarefas domésticas.

Resultados

O estudo de impactos e as principais conclusões

Após quase três décadas de apoio a processos e iniciativas de promoção da agroecologia e de organização de grupos de pequenos agricultores para a construção de um projeto diferenciado para a agricultura familiar, surgiu a necessidade de perguntar: Quais foram os impactos da atuação do CAPA? Quais foram as mudanças que o trabalho trouxe para as famílias e para a sociedade circundante?

Entre os objetivos definidos estavam o de identificar os maiores impactos que o CAPA ajuda a promover através da sua atuação nos núcleos regionais e as temáticas que foram priorizadas para o estudo.



Agricultura familiar pode ser sustentável e produtiva

Principais conclusões e pontos de reflexão:

• O aumento da auto-estima das pessoas e dos grupos é um aspecto fundamental para provocar mudanças em todas as outras temáticas;

• O grau organizacional dos grupos desempenha um papel central para o desenvolvimento dos processos;

• Aspectos sócio-culturais dos grupos e as conjunturas políticas locais e regionais desempenham um papel chave e marcam as bases para a continuidade ou descontinuidade dos processos em curso;

• Processos de desenvolvimento junto a grupos de agricultores familiares e outros grupos sociais marginalizados que visam o fortalecimento e consolidação de iniciativas e experiências coletivas exigem visões e estratégias de intervenção de longo prazo;

• A metodologia de trabalho aplicada pelo CAPA é um elemento chave e os instrumentos e estratégias de apoio interagem de forma complementadora e eficiente;

• O compromisso do poder público com as iniciativas e propostas trabalhadas pelo CAPA e seus grupos é um elemento fundamental;

• A criação de parcerias e convênios com o poder público municipal é mais fácil através de cooperativas do que através do próprio CAPA;

• A interação entre vários parceiros de diversos níveis institucionais como gestores públicos, organizações de agricultores, organizações religiosas, de pesquisa, organizações de moradores urbanos etc., é de suma importância para os avanços dos processos;

• A priorização de iniciativas de comercialização em rede é fundamental e facilita a integração de novos grupos e categorias sociais porque oferece de imediato uma alternativa concreta para a venda dos produtos das famílias;

• As mulheres desempenham um papel fundamental na construção das propostas agroecológicas e, muitas vezes, são a porta de entrada para o trabalho com agroecologia;

• Para a introdução da agroecologia, nem sempre a questão econômica é o aspecto mais importante. Muitas vezes, a preocupação em torno de uma alimentação mais saudável e uma melhor qualidade de vida são os argumentos mais importantes para as famílias;

• Em relação aos jovens, parece importante continuar a investir em alternativas para uma educação diferenciada que trabalhe com a valorização do interior e do campo (inclusão digital, currículos escolares);

• Em algumas das comunidades eclesiais, e suas lideranças, falta uma visão mais abrangente do CAPA e de suas propostas atuais. Conseqüentemente, o leque de atuação do CAPA não é percebido em suas potencialidades mais amplas.

Reflexão

Trinta anos de luta árdua

A parceria com o Consórcio CAPA é de extrema importância para o Serviço Evangélico de Desenvolvimento (EED). Trata-se de uma longa e rica trajetória, iniciada no contexto da relação de cooperação da IECLB com a EZE, uma das organizações que no ano 2000 se juntou para formar o EED.

O empenho das equipes do CAPA durante todos estes anos em prol da melhoria das condições de vida da agricultura familiar proporcionou para milhares de famílias brasileiras um horizonte de vida a partir da possibilidade de permanecer no campo. Além de contribuir para atenuar o processo de inchamento desordenado de médias e grandes cidades, este trabalho confere ênfase à valorização do mundo rural, sua cultura e qualidade de vida.

O trabalho não é fácil, pois as tendências macro-econômicas no Brasil das últimas décadas sempre foram muito desfavoráveis à agricultura familiar. Neste sentido, o CAPA remou e rema contra a corrente – e apóia a agricultura familiar a fazer o mesmo através de seu trabalho voltado para a organização da produção e da comercialização, da formação de jovens, da capacitação para influir nas políticas públicas e da ênfase na agroecologia, entre tantos outros aspectos.

Por isso, me alegro muito em poder, em nome do EED, parabenizar a IECLB, a Fundação Luterana de Diaconia e toda a equipe do CAPA pelos 30 anos desta árdua luta, e expressar nossos votos de que seu trabalho continue gerando frutos tão significativos para a agricultura familiar do Sul do Brasil e para o desenvolvimento da região como um todo.

Luciano Wolff
EED/Departamento para América Latina Programa Brasil – Cone Sul

O envolvimento das crianças é fundamental para o sucesso da proposta da agroecologia.

Entre os principais objetivos estão a fixação do agricultor e a conscientização da função social da terra como produtora de alimentos básicos e sadios para todas as pessoas.

O resgate da cultura é um dos focos do trabalho do CAPA junto aos quilombolas, o que inclui artesanato, música, tranças femininas e histórias.

A primeira diretoria e conselho fiscal da Cooperativa Agroecológica e da Indústria Familiar em Marechal Cândido Rondon (PR).